

**DIÁRIO ACADÊMICO**

Por Ana Sílvia Grigolin<sup>1</sup>

Este projeto foi desenvolvido com os alunos da quinta série A, atual sexto ano, da Escola Estadual José A. de A. Rogê Ferreira, na cidade de Itanhaém/SP no ano de 2009.

O projeto *Ler por Prazer* surgiu da necessidade de despertar os alunos para o mundo mágico do livro, criar o hábito da leitura, desconhecido até então de muitos discentes, trabalhar os elementos da narrativa e apresentar de forma prazerosa textos de diversos autores nacionais e estrangeiros, nesse caso, especificamente, os autores africanos de língua portuguesa.

Mais ou menos há três anos, durante uma atividade em sala de aula na qual discutíamos literatura portuguesa, aproveitei o debate e falei sobre as literaturas africanas de expressão portuguesa, em especial a literatura angolana, e, para meu espanto, recebi a seguinte resposta:

- Professora, a senhora é uma louca! Na África, não existe nada. As pessoas lá morrem de fome, as doenças se proliferam, aquilo é o caos.

---

<sup>1</sup> Mestranda do programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da FFLCH-USP. Atuou como professora da rede pública de ensino entre 2006 e 2011.

Confesso que fiquei em estado de choque e no momento não consegui emitir nenhum som. Estava diante de um aluno do terceiro ano do ensino médio, e comecei indagar quantos outros não teriam o mesmo tipo de pensamento. Porém, não podia deixar que as coisas continuassem como sempre foram. Principalmente porque havia recebido tal comentário de um afro-descendente, um negro.

Assim, na medida do possível, comecei a levar contos, poesias e textos de autores africanos para a sala de aula. Neste momento, percebi que o problema era bem maior. O grau de informação sobre o continente africano e sobre os países que o formavam era zero. Então, no primeiro momento, tivemos que construir um caminho, estreito, mas que nos permitisse ligar as literaturas dentro do limite intelectual da sala. O que representou um desafio sem precedentes. E o mesmo foi sendo feito, nos anos seguintes, com as novas turmas. Até chegarmos ao ano de 2009.

No entanto, nesse período, nem tudo foi tranqüilo, pois além do hábito de não ler, alguns ainda questionavam o ensino da literatura e porque ler autores africanos.

Desta forma, quando decidi que faria tal projeto com minha sala de sexto ano optei pela obra *Os da minha rua*, do angolano Ondjaki. E a escolha foi proposital, eu simplesmente não queria que meus alunos chegassem ao ensino médio reproduzindo uma resposta similar.

O livro, composto por vinte e dois contos, apresenta como narrador um menino de mais ou menos onze anos. Para eles era um universo infantil novo, desconhecido, mas recheado de histórias como as deles.

Os contos foram lidos pelos alunos em sala de aula, e após cada leitura, discutiam sobre as impressões que tiveram do texto. O primeiro estranhamento das crianças foi em relação aos nomes e ao vocabulário de origem afro, a parte sonora foi o que mais lhes chamou a atenção. E rimas surgiram, como esta: “Benguela /banguela / magrela / ela”. Eles repetiam entre si e

brincavam com palavras “diferentes” como: maka, bué, matabichar, gasosa e outras, rimando-as com palavras da língua portuguesa.

No conto, “A piscina do tio Victor”, a imaginação ganhou asas. A piscina de coca-cola se transformou em piscina de guaraná, suco de limão, tubaína e em vários outros sucos, gelatinas e refrigerantes, que faziam parte do seu dia-a-dia, para depois ganhar as ruas da cidade, os postes de iluminação. Nem a grama da escola escapou. Tudo se transformou em chocolate, doces dos mais variados, bolos e muito mais. No entanto, durante a leitura do texto, alguns alunos da sala lembraram-se do filme *A Fantástica fábrica de chocolate*, do senhor Willy Wonka e do conto João e Maria. Então iniciamos uma roda de conversa sobre a diferença entre eles, uma vez que foi a piscina de coca-cola, com seus cantos de chocolate e chuinga e o chuveiro de fanta de laranja, que despertou a memória para a casa de chocolate e doces perdida no meio da floresta.

Houve a indignação com a “delegada de sala” por ter lido o bilhete em voz alta, no conto “Bilhete com foguetão”, depois risos. “Por que um foguetão, não podia ter sido outra coisa?”. Outra questão debatida: a delegada de sala. “Eles tinham uma delegada de sala? Nós não.” A diferença novamente abre espaço para novas conversas. Desta forma, em cada conto lido surgiam perguntas, curiosidades, questionamentos e descobertas.

O que mais chamou a atenção, sem dúvida, foi o cinema a céu aberto no conto *Jerri Quan e os beijinhos na boca*. Muitas perguntas surgiram, curiosidades para saber o porquê. E aos poucos conheciam uma realidade diferente da nossa, hábitos, costumes, cultura, enfim, um mundo novo. Mediante as conversas, íamos aproximando os dois continentes: a África e América do Sul – especificamente, Brasil e Angola.

Atualmente, essa turma encontra-se no oitavo ano do ensino fundamental II. Estão lendo *Estórias abensonhadas*, do moçambicano Mia Couto, leitura esta alternada com contos brasileiros de Luis Fernando Veríssimo, Machado de Assis, hispano-americanos

como o uruguaio Horácio Quiroga, poemas de Arnaldo Antunes e revistas em quadrinhos.

Nesse contexto, percebi que essa sala após o processo de leituras e discussões sobre os diversos contos, especificamente os contos angolanos e nossas conversas sobre história e literatura, tornaram-se diferenciados: são curiosos, interessados, atenciosos e abertos a novas experiências.